

# UM OCEANO POR ACHAR: PASCOAES, PESSOA E A QUESTÃO NACIONAL<sup>1</sup>

Prof. Paulo Motta Oliveira  
Doutor em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas  
Universidade de São Paulo

Resumo: Este artigo analisa algumas das múltiplas facetas da questão nacional nas obras de Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa.

Palavras-chave: Portugal; Teixeira de Pascoaes; Fernando Pessoa.

Abstract: This article intends to analyze the importance of Portugal in the works of Teixeira de Pascoaes and Fernando Pessoa.

Key-words: Portugal; Teixeira de Pascoaes; Fernando Pessoa.

E, embora eu seja descendente, um ramo  
Dessa árvore de Heróis que, entre perigos  
E guerras, se esforçaram pelo ideal:

Nada me importa, País! seja meu Amo  
O Carlos ou o Zé da T'resa ... Amigos,  
Que desgraça nascer em Portugal!

António Nobre<sup>2</sup>

Esperai, esperai, ó Portugueses!  
Que ele há-de vir, um dia! Esperai.  
Para os mortos os séculos são meses,  
Ou menos que isso, nem um dia, um ai.  
Tende paciência! finarão reveses;  
E até lá, Portugueses! trabalhai.  
Que El-Rei-Menino não tarda a surgir,  
Que ele há-de vir, há-de vir, há-de-vir!

António Nobre<sup>3</sup>

Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa são duas figuras fundamentais para a cultura portuguesa deste século. Mas, como já o afirmou Jacinto do Prado Coelho, a análise sistemática das inter-relações entre suas obras ainda está por se construir. A

incomunicabilidade em que se mantiveram esses dois autores durante boa parte de suas vidas, após um momento passageiro em que defenderam os mesmos ideais nas páginas da segunda série de *A Águia*, perpetuou-se para após suas mortes, e apenas muito recentemente se tem tentado analisar os veios profundos que irmanam esses dois profetas de um futuro grandioso que teimou em não se cumprir.

De fato, podemos pensar que a história da recepção crítica de suas obras foi, em grande parte, responsável por esse afastamento em que as mesmas se mantiveram. Se Pascoaes era, nos dois primeiros decênios deste século, um dos mais populares poetas portugueses, sua obra foi caindo num ostracismo que só muito esporadicamente era rompido. Já Pessoa, escritor em vida quase desconhecido do público, só obteve a inquestionável importância com que hoje o vemos a partir da década de cinquenta (MOISÉS, 1986, p. 90-91), quando Pascoaes, recém-falecido, era visto apenas como um autor ultrapassado, que gozara durante um certo período de uma fama imerecida. Esse mútuo isolamento de duas obras que foram valorizadas em momentos distintos, até onde sabemos, só começou a ser rompido com o texto já hoje clássico de Eduardo Lourenço, "Da literatura como interpretação de Portugal", em que esse crítico apontou a importância fundamental de Pascoaes na gênese da imagem de Portugal presente em *Mensagem*. Ao analisar desta forma a metamorfose operada por Pascoaes na concepção de Portugal presente na literatura portuguesa no fim do século, Lourenço não só recupera a obra desse autor do limbo em que se encontrava, mas também mostra que as concepções de Pessoa são, em grande medida, uma reelaboração de muitas respostas que, décadas antes, o autor de *Maranus* já havia formulado para a questão para ambos obsediante do destino português. Como afirma esse crítico:

Não há em toda a nossa literatura um diálogo-combate mais fundo e complexo que o que entrelaça as aventuras poético-espirituais de Pessoa e Pascoaes. Em última análise, a aventura poética de Pessoa é uma tentativa - bem lograda, mas não de todo triunfante - para reestruturar em termos adequados ao seu gênio próprio e a um tempo de tecnicidade cosmopolita, o misticismo sem sombra de má consciência poética nem linguística, do autor inspirado de *Regresso ao Paraíso e Maranus* (LOURENÇO, 1982, p.107).

Traçar algumas das linhas gerais desse diálogo-combate é o objetivo que aqui temos, ao tentarmos aproximar dois destinos espirituais que, irmanados numa esperança de ressurgimento nacional que teve cronologias distintas, também se irmanam em dois textos de funda desistência, em que olham para um país que, imune ao verbo de fogo com que tentaram transmutá-lo, teimou em se manter apático e insignificante.

O binômio esperança/desistência serve de chave para entendermos muito da cultura portuguesa que vai da revolução liberal de 1820 às primeiras décadas de nosso século. Ao longo desse dilatado período muitos foram os intelectuais que, de variada forma, tentaram reverter a pequenez presente e transformar Portugal em um novo país, reentrado em um destino grandioso que ganhou sucessivas interpretações. Muitos também foram aqueles que, vendo seus esforços falhados, suas sucessivas tentativas sempre abortadas, acabaram por amargamente concluir que o país continuava inalterado, e que todo o esforço fora em vão. Certamente o exemplo matricial de Herculano, que se retira para a quinta de *Val dos Lobos* após o que para ele fora o fracasso da Regeneração que tão amorosamente ajudara a engendrar, foi fundamental para todas as gerações posteriores. Também Antero, antes de seu suicídio, se retira para a *Vila do Conde*, de onde só sai para uma rápida participação na liga patriótica do Norte logo após o advento do *Ultimatum*. Oliveira Martins acalentara o desejo de se retirar para o campo, após o fracasso de sua experiência como ministro, e só a sua morte prematura não permitiu que o concretizasse. Todos esses, e muitos outros que poderíamos aqui arrolar, se aproximam não só no desejo ardente de restaurar um país que parecia sempre à beira da dissolução, mas também na certeza, que adquirem mais cedo ou mais tarde, de que todas as suas tentativas acabaram malogradas.

Se nestas características mais gerais podemos também enquadrar as problemáticas relações de Pascoaes e Pessoa com a sua pátria, a aventura desses dois poetas possui certas especificidades que é importante salientar, para que possamos entender o lugar que ocupam nesta tendência mais geral. Ambos, bons discípulos de Nobre, do qual citamos dois textos como epígrafe a este trabalho, não apenas esperavam um grande futuro, mais foram profetas que tentaram, através de seu verbo, proferir as frases encantatórias que reverteriam a

pequenez que os cercava. Se Nobre, incorporando o sonho sebástico nunca desfeito na cultura portuguesa, magicamente repetiu em *Despedidas* que “el-rei menino há--de-vir, há-de-vir, há-de-vir” (NOBRE, 1945, p. 115), Pessoa e Pascoaes tentaram trazer para seu presente esta volta anunciada, tentaram ver nas marcas de uma evidente pequenez os signos da eminente grandeza. Além disto, como Junqueiro, que afirmara nas anotações à Pátria, "Alma! eis o que nos falta" (JUNQUEIRO, [s.d.], p. 198), Pessoa e Pascoaes acreditavam que o principal problema de Portugal era de ordem espiritual, e tentaram repor esta carência, tentaram através de suas *almas atlânticas* criar o novo oceano em que D. Sebastião, ou o que esse rei significava, enfim pudesse retornar de seu exílio de séculos. Ambos se acreditaram capazes desta façanha, e será no interior do sonho messiânico e redentor que foi o Saudosismo que pela única vez se irmanarão, em 1912 e 1913, nas páginas de *A Águia*.

Certamente foge aos objetivos que aqui temos uma referência mais detida a essa revista e ao papel primacial que nela teve, por um período de cerca de três anos, o Saudosismo<sup>4</sup>. Ela aqui nos interessa especialmente por alguns aspectos. Inicialmente devemos notar que perpassa esse movimento, através das colaborações dos intelectuais a ele mais ligados, entre os quais se encontram Pascoaes e Pessoa, um tom profético bastante evidente e uma grande esperança no futuro imediato de Portugal. Uma das características básicas do Saudosismo é um grande otimismo, uma crença nas potencialidades de Portugal, país que estaria prestes a se transformar em um novo líder espiritual da humanidade, potencialidades que poderiam ser percebidas na nova poesia portuguesa. Para os escritores que participaram mais ativamente desse movimento, entre os quais se destacam, além dos dois que mais diretamente aqui nos interessam, Jaime Cortesão e Augusto Casimiro, a poesia portuguesa, ao operar uma nova síntese religiosa em que se integravam e eram superados o Cristianismo e o Paganismo, estava a realizar uma nova navegação, por mares espirituais ainda desconhecidos, navegação ainda mais importante que a realizada pelos navegadores dos séculos XV e XVI. Se esta, efetuada no passado, dera à Europa os territórios que ela

então necessitava, a nova *navegação espiritual* consumava em um nível mais alto a missão que de forma material fora incompletamente realizada no passado.

Se, como já aponte em outro contexto, podemos perceber algumas diferenças importantes nas posturas assumidas por Pascoaes e Pessoa nos textos que publicaram em *A Águia* (OLIVEIRA, 1995, p. 85-94), é inegável que estes dois escritores estão irmanados nesse sonho, que ambos pregam a eclosão desse grande futuro que está prestes a se consumir. Mas devemos notar que eles, nesse momento, possuem estatutos diferentes. Se Pascoaes é, então, um poeta já consagrado, que coloca todo o seu prestígio na tentativa de transformar a recém instaurada república em uma forma de governo que recupere as características mais intrínsecas da *alma nacional*, Pessoa é um jovem, então totalmente desconhecido, que faz em *A Águia* a sua estréia literária. Enquanto Pascoaes está a travar o que certamente pode ser considerado como a sua mais importante batalha no campo político, se é que podemos aplicar o termo *política* às propostas que eram por ele defendidas, Pessoa é apenas um estreante que, se fez muito baralho com as suas profecias sobre o aparecimento de um *Supra-Camões*, não possui o mesmo nível de envolvimento com o Saudosismo que possuía o autor de *Maranus*.

Em vista disto podemos entender que, quando no final de 1913, Pessoa abandona *A Águia* após alguns mal entendidos que, apesar de ainda não totalmente clarificados, podem ser pontuados seja pelas vinte cartas que o autor de *Mensagem* dirigiu a Álvaro Pinto, e que foram por este publicadas na revista *Ocidente* (PESSOA, 1944, p. 301-317), seja por algumas cartas de Sá-Carneiro enviadas a Pessoa (SÁ-CARNEIRO, 1995, p. 717-975), esse abandono não teve maiores reflexos nos sonhos messiânicos de Pessoa, que ainda viriam a ganhar concretude em obras que só bem depois desse período seriam acabadas.

Bem distinta foi a postura de Pascoaes quando viu soçobrar o edifício de suas esperanças, e foi se transformando em uma figura cada vez mais solitária no interior da revista. Se nos primeiros três volumes de *A Águia*, publicados de janeiro de 1912 a junho de 1913, de fato existia um grupo de escritores que, aceitando tacitamente a chefia de Pascoaes, defendia os

mesmos ideais, a partir do quarto volume o autor de *Retorno ao Paraíso* se verá sozinho na longa polêmica que travará com António Sérgio. Pascoaes ainda tentará transformar a possível participação de Portugal na Primeira Guerra em um caminho para o renascimento do país. Mas qualquer analista que confronte esses textos com aqueles que esse autor publicou durante o auge do movimento saudosista poderá perceber que aqui existe apenas a tentativa de manter acesa uma chama que já então havia se apagado. A visão entranhadamente otimista que caracterizava o Saudosismo, movimento que acreditava, apesar de todas as mazelas e, muitas vezes, por causa delas, no futuro grandioso que cabia a Portugal, se transmuta, em vários desses textos de Pascoaes, em uma perspectiva pessimista, em que o país não existe, em que ele é usado da forma que for mais conveniente pelos vários partidos políticos, em que todos querem que Portugal seja um reflexo de sua nulidade<sup>5</sup>. Nesta perspectiva sem saídas, a guerra e o exemplo dos outros países em que o povo se sacrifica por sua pátria, morrendo para que a pátria viva, se transforma na derradeira esperança de incendiar os últimos resquícios de portuguesismo que ainda possam existir nesse país em que *não há portugueses*. Esperança que também soçobra, fazendo com que Pascoaes abandone a revista e, seguindo os exemplos de Herculano e Antero, se exile em suas terras no Marão de onde dificilmente sairá.

É no interior desta situação sem esperanças, como derradeiro grito de um sonho que teima em não morrer, que devemos ler o último texto de Pascoaes publicado na segunda série de *A Águia*, o "Aos Lusíadas", em que o incitamento à guerra se transforma em uma oração de um eu lírico que espera o advento de um milagre. Apesar de bastante longo, julgamos fundamental citar alguns dos momentos mais significativos desse poema, para que possamos melhor entender alguns dos aspectos mais relevantes que caracterizam a *desistência* pascoalina.

Ó Portugal, ó terra do meu berço,  
Do meu corpo e da minha sepultura,  
Quisera-te cantar em alto verso!

Cantar novas proezas da Aventura.  
Grandes feitos de nova Tentação,  
Que te elevem, ó Pátria, a imensa altura!

(...)

Oferecei à Pátria a vossa vida!  
Sede hoje como fostes no Passado:  
Alma de sacrifício não vencida!

(...)

Acorda, Portugal, do teu desmaio!  
Que o nevoeiro da Lenda matutina,  
Escureça, ribombe e gere o raio!

Cristo de Ourique, Aparição divina!  
De novo, aos nossos olhos te revela  
E uma nova coragem nos ensina!

Ó Deus da minha Pátria, olhai por ela!  
Dai à sua bandeira nova gloria,  
Pregai, nas suas dobras, uma estrela!

Dai sobre-humana vida à nossa História!  
Nos longes do Passado eternizada,  
Mas fria, a face estática e marmórea!

Ah, que ela ressuscite, aureolada,  
Sacudindo a poeira dos vestidos,  
A penumbra das eras, consagrada.

(...)

A derrota de Alcácer! Noite escura  
Que sobre nós desceu e em nós ficou,  
E é a nossa própria sombra de amargura.

Desânimo que assim nos transformou  
Em falecidos vultos espectrais  
Queimados dum incêndio que passou...

Que pelas tuas naves, aureorais,  
Novos hinos de glória, num espanto,  
Varram as velhas sombras sepulcrais!

Ó Deus de Ourique, ouvi meu pobre canto,  
Embora numa voz que já perdeu  
A unção divina, a graça, o etéreo encanto!

Portugal, esse grande mausoléu,  
Deslumbrai-o, fazei-o estremecer,

Quebrai-lhe a fria tampa, à luz do céu!

Que à nossa pobre sombra a padecer,  
Fantasma secular, enfim, regresse  
O Dom Sebastião do nosso ser!

Abrasa-te, Esperança! Em nós, floresce!  
Dá-nos o sonho em fogo, a febre de alma  
Em que, hoje, toda a França resplandece!

Irmãos, senti o Amor que tudo inflama!  
Subi à imensa Cruz! Sacrificai-vos!  
Lançai-vos, sem temer, à grande chama!

Que o vosso sangue brilhe em rubros laivos!  
Correi à Guerra Santa, heróica gente!  
Sede novos heróis! Santificai-vos!

Vivei na pura glória eternamente! (PASCOAES, 1916, p. 57-61)

Pascoaes inicia esse longo poema manifestando o desejo de *cantar em alto verso* a sua pátria, desejo que porém só poderá se concretizar se o país deixar de ser o que é – como podemos notar ao longo do poema Portugal é definido sempre por epítetos negativos e recorrentemente como morto – e se lançar em *novas proezas de Aventura*, em *grandes feitos de Nova Tentação*. Esses versos ecoam com um trecho de *A Era Lusíada* em que esses mesmos termos, *tentação* e *aventura* aparecem como caracterizando a missão passada de Portugal, trecho que nos mostra de forma clara a distância que separa estes dois momentos da reflexão pascoalina sobre seu país:

Sim: a alma lusíada tem de completar a sua obra iniciada com as Descobertas. O espírito da aventura, que é a Tentação do Mistério, levou-a por entre o negrume lampejante dos temporais, através dos mares desconhecidos, *por mares nunca de outrem navegados*; e, no seu regresso à pátria terra, trazia nas mãos o globo descoberto. Eis a nossa dádiva ao género humano. Mas, só por si, o mundo físico é um esboço apenas, é corpo sem espírito (PASCOAES, 1988, p.173).

Se no trecho acima podemos notar que Pascoaes ainda tem esperanças que Portugal dê uma nova *dádiva* ao espírito humano, que complementa a missão iniciada no passado, no poema o desejo é bem mais restrito: ele apenas espera que o país siga o exemplo da França, que

então possui o *sonho em fogo*, a *febre de alma* que ele espera que também passe a existir em Portugal. Nesse poema, Pascoaes espera um *retorno do passado*, o retorno das virtudes heróicas que um dia caracterizaram esse país, e agora não mais existem<sup>6</sup>. Mas mesmo esse retorno excede as forças e características do Portugal de seu tempo, como é descrito no poema. E esse texto, que se inicia como uma exortação aos portugueses, aos quais oferece o espelho do passado para que nele se mirem e o ressuscitem, se transforma depois em uma oração, na esperança de um milagre. Como se apenas com a interferência do divino é que fosse possível esta ressurreição, ele pede que o *nevoeiro da lenda matutina gere o raio*, e passa a dirigir o poema ao *Cristo de Ourique*, ao *Deus da minha Pátria*. Assim não temos mais aqui a crença nas próprias forças, um dos traços fundamentais do Saudosismo que acreditava que Portugal *possuía em si as características necessárias não só para a sua renascença, mas para a renascença do mundo*. Apenas com a intervenção do divino é que esse país informe, em que a derrota de Alcácer foi uma *noite escura que sobre nós desceu e em nós ficou* poderá ressuscitar, apenas o Deus de Ourique poderá fazer que o ser de Portugal, desaparecido com D. Sebastião, de novo regresse. Parece que apenas esta ressurreição, efetuada por forças divinas, é que permitirá que o país participe da nova *Guerra Santa*, como havia participado da outra, em que o Cristo de Ourique inicialmente apareceu. Assim, se no poema existem vários incitamentos ao sacrifício que poderá redimir o país, na própria forma como ele é montado fica evidente que só *após um milagre prévio* é que esses sacrifícios poderão ocorrer. O país imerso *na noite* só poderá ressurgir se o *Deus de Ourique quebrar a tampa do grande mausoléu* em que ele jaz<sup>7</sup>.

Esse texto, último publicado por Pascoaes nesta série de *A Águia*<sup>8</sup>, mostra-nos claramente que para ele, nesse momento, o Saudosismo, com todas as esperanças que esse movimento depositava no país, não mais existe. Esse mesmo tom desesperançoso, cada vez mais fundo, percorrerá outras obras desse autor: o *Arte de Ser Português*, cuja primeira edição é de 1915, *Os Poetas Lusíadas*, lançado em 1919, e *A nossa fome*, de 1923.

O primeiro dos livros acima citados é uma tentativa de elaborar o que seria uma *cartilha* para uma *educação lusitana*, tópico recorrentemente defendido pelo Saudosismo, como

pode ser visto no prefácio da citada obra. Mas esse prefácio, em que prega que a instrução secundária deve “além das verdades que ensina aos alunos, ensinar-lhes (...) igualmente a verdade portuguesa, cujo conhecimento se impõe como força reconstrutiva da Pátria, dentro do seu caráter, da sua alma tradicional evoluída até ao grau de perfeição atingido pelo espírito humano, no século presente” (PASCOAES, 1978, p. 12), termina de forma melancólica:

Instruir, educar e criar portugueses seria visar um duplo ideal humano e patriótico, a bela conclusão do curso geral dos Liceus.  
Não foi a vaidade que ditou as palavras deste ligeiro Prefácio, mas um desejo sincero de me tornar útil à minha terra.  
A ideia aí fica, ficando-me também a tristeza de a não ver frutificar (PASCOAES, 1978, p.12-13).

Se ainda aqui Pascoaes apresenta uma visão próxima à existente em seus textos presentes nos seis primeiros volumes de *A Águia*, já encontramos o mesmo pessimismo que havíamos notado no texto que acabamos de analisar: uma certa descrença de que esta idéia possa frutificar, ou seja, de que a pregação, que o levou a elaborar esse livro, possa produzir os efeitos que esperava. Já aqui, em embrião, temos uma imagem que será, como veremos, bastante clara no *A nossa fome*.

*Os poetas lusíadas* foi escrito a partir de algumas conferências que Pascoaes proferiu em Barcelona, a convite de Eugênio D'ors. Desse livro interessa-nos particularmente o final, em que faz um resumo do que com ele pretendeu, e em que mais uma vez encontramos uma visão depreciativa sobre a realidade nacional:

(...) esboçamos a história do nosso Sonho, a história transcendente de Portugal, ou, antes, a biografia da Saudade...  
Agora, pousamos a penna com desgosto. Quebrado o encanto em que vivemos alguns meses, necessitamos de regressar à realidade tão triste e desoladora! É forçoso sofrer a terrível queda. É forçoso cair de uma estrela habitada por espíritos divinos, sobre um charco deste mundo, com rãs a coaxar ódios, raivas e vinganças! Lá em cima, o sonho dos poetas, as altitudes sublimes de uma Raça, a luz astral; - cá em baixo, a acção criminosa dos políticos, lama e sangue...

Que este livro seja, ao menos, um intermediário entre as grandes Almas de outrora e algumas Almas de hoje, que ainda existam, por ventura, refugiadas na sua própria soledade... (PASCOAES, 1987, p.311-312).

Como podemos ver por esse trecho final, existe uma mudança de perspectiva fundamental na visão de Pascoaes. Se, durante os seis primeiros volumes de *A Águia*, acreditara que poderia haver uma harmonia entre *o sonho dos poetas* e a realidade do país, se acreditara que o primeiro poderia vir a modificar a segunda, fazendo com que, graças a ele, ela pudesse se regenerar, agora não mais crê que isto seja possível. Existe um abismo intransponível entre esse altíssimo sonho e o *cá embaixo* onde o país vive. Assim esse livro não tem mais como destinatário a nação, como tiveram várias das obras ligadas ao Saudosismo, mas tão somente as almas que porventura ainda existam *refugiadas na sua própria soledade*. Desta forma esse final é, claramente, uma confissão de impotência em relação à realidade nacional, impermeável aos grandes ideais expressos pelos poetas.

Será cinco anos depois de sua última colaboração em *A Águia* que Pascoaes publicará o que é, em nosso ponto de vista, o mais depressivo dos seus textos sobre o país: *A nossa fome*. Nesse texto, após algumas considerações de caráter biográfico sobre a sua transformação de poeta em prosador<sup>9</sup>, Pascoaes passa a falar dos motivos pelos quais ama a poesia:

Amo a poesia, os poetas e os labrostas-, os que têm fome, porque Poesia quer dizer Fome. Assim deixa perceber um dos bíblicos autores:

-Nem só de pão vive o homem.

Logo, o homem também vive de poesia; um outro pão que mata outra fome. Sim: esta fome chama-se poesia.

O homem... certos homens têm fome de outro pão -, um pão amassado em lágrimas, cozido num forno íntimo (...)... Este forno, com uma fogueira lá dentro, é a alma dos poetas. Fabricam o pão espiritual e morrem de fome!

Os antigos escravos trabalhavam na masseira, com uma rodela de pau em volta do pescoço, para não poderem meter na boca faminta qualquer porção de massa levedada! (...)

Amassavam o pão e morriam de fome! Também os poetas e os malucos e o rouxinol de Bernardim!

(...)

A fome, portanto, é o assunto querido dos poetas. Fome quer dizer Poesia (PASCOAES, 1993, p. 158).

Porém se certos homens, os poetas e os loucos, têm fome de um outro pão, se, como afirma em outro momento, "O poeta é um faminto de Deus, de Amor, de Eternidade, de todos os divinos fantasmas que pairam sobre o mundo"<sup>10</sup>, ao passar a descrever Portugal poderemos perceber, em uma espécie de desenvolvimento daquilo que já havia expresso no final de *Os poetas lusíadas*, o abismo que separa os poetas do ânimo geral presente nesse país:

Fome! Fome! Eis uma palavra que enegrece as conversas de Café e os artigos dos jornais. E, todavia, entre nós, a fome não existe. (...) Não existe infelizmente. Fome de pão, fome de Deus, frases débeis, entre nós. Sentimos, quando muito, o *apetite*, uma fome educada e atenuada. Fome de pão significa apetite de pão. Fome de Deus quer dizer a mesma cousa, a mesma imagem céptica da fome.

(...)

Ai, de nós! Não temos fome! A maldita saciedade mostrando os dentes inofensivos! Que tragédia! Sim. O dente lusitano é uma figura de retórica, um imaginário marfim para enfeitar sorrisos de donzelas... Não sabemos morder nem mastigar. Debicamos... Fastio, fastio e só fastio e uma cor parda e, muitas vezes, de pardal, na coleção de fisionomias exposta por essas ruas.

(...)

Ai de nós, que não temos fome! Nem de pão, nem de Deus, nem mesmo do demónio!

Somos um corpo morto e uma alma fingida, o reflexo frio duma alma que ainda voa nas estrofes d' *Os Lusíadas* e sobre o túmulo ignoto do Encoberto.

(...)

Não há fome, nem sede, nem desejo, *l'ardent desir*!

(...)

Não temos fome, nem sede! Perdemos as entranhas, a íntima caverna onde se cria o leão que devora os bichos, o leão que brame e faz tremer a noite (PASCOAES, 1993, p. 158).

Esse texto, como podemos ver, é o antípoda da visão otimista que expressou quando da pregação saudosista, e nele ecoam vários aspectos dos textos que aqui analisamos. Portugal é um país *sem fome*, e nesta ausência de fome, nesta satisfação mesquinha que não gera o desejo, está o centro de sua carência, aquilo que impede qualquer tipo de desenvolvimento. Se em vários de seus textos Pascoaes considerara que o que faltava ao país era *alma*, mas achava que esta alma poderia ser recuperada, pois ela existia, apesar de soterrada, agora parece perceber que o país não só não tem alma, mas também nem possui o desejo de a ter. Portugal é, como no poema "Aos Lusíadas", um país morto, um país em que nenhum

desejo, por mais ardente que seja, como o foi o de Pascoaes, poderá frutificar. O próprio milagre, esperança extrema que existia nesse poema, não poderá surgir em uma terra em que a saciedade e a apatia são a marca dominante. Não é assim de estranhar que, anos depois, Pascoaes reelabore muitas das intuições básicas que teve durante o período saudosista em seu *São Paulo*, tendo então como interlocutor não esse país sem fome, mas todo o mundo ocidental. Nesta obra, Pascoaes não mais contará com esse país que considera aqui como uma nação que vive reduzida a um estado mesquinho e satisfeito com esta mesquinhez<sup>11</sup>.

Mas os desdobramentos posteriores da obra de Pascoaes fogem aos objetivos que aqui temos. O que queremos assinalar são as muitas consonâncias que podemos encontrar entre este texto de Pascoaes e o último poema longo escrito por Pessoa, o "Elegia na sombra", datado de 2 de junho de 1935, ou seja, doze anos posterior ao *A nossa fome*.

Entre a sua participação em *A Águia* e a escritura desse poema Pessoa já havia elaborado as suas três obras de caráter mais messiânico, "À memória do presidente-rei Sidônio Pais", *Mensagem* e "Quinto Império". Se, como no período saudosista, perpassa estas três obras uma grande confiança no futuro imediato de Portugal, se, em especial em *Mensagem*, a pequenez presente é assumida enquanto sinal claro de que *chegou a hora*, em "Elegia na Sombra" o poeta de *Orpheu* virará pelo avesso alguns dos tópicos que nelas utilizou.

Esta inversão cria múltiplas inter-relações em especial com *Mensagem*, que atingem vários níveis. De início devemos assinalar o uso, em "Elegia", de alguns versos que claramente ecoam com outros presentes em *Mensagem*. Se, nesta segunda obra, em "Mar português", poema em que ecoa a partida da armada de Gama como foi narrada no Canto IV de *Os lusíadas*, o eu lírico, após perguntar "Valeu a pena?" responde "Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena" (PESSOA, 1983, p. 16), "Elegia na sombra" termina justamente com a fala de um imperador romano ao morrer, em que é dito "*Fui tudo, nada vale a pena*" (PESSOA, 1983, p. 507). Se em *Mensagem* o mito era "o nada que é tudo" (PESSOA,

1983, p. 6), na elegia o eu-lírico diz à "Mãe-Pátria": "(...) se um sonho de esperança te surgir,/ Não creias nele, porque tudo é nada,/ E nunca vem aquilo que há-de vir" (PESSOA, 1983, p. 506).

Um procedimento próximo a esse, mas centrado em outro tipo de relação, ocorre em outro momento em que encontramos uma quase repetição de um verso presente em *Mensagem*. Se no último poema desta obra, "Nevoeiro", a visão de que "Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,/ Define com perfil e ser/ Este fulgor baço da terra/ Que é Portugal a entristecer" (PESSOA, 1983, p. 23) acaba por ganhar um significado positivo pois o fato de Portugal haver se convertido em nevoeiro era a garantia de que *chegara a hora*, em "Elegia na sombra" desta situação, novamente descrita, é retirado todo o caráter positivo, como pode ser visto nas estrofes abaixo:

Nada. Nem fé nem lei, nem mar nem porto.  
Só a prolixa estagnação das mágoas,  
Como nas tardes baças, no mar morto,  
A dolorosa solidão das águas.

Povo sem nexo, raça sem suporte,  
Que, agitada, indecisa, nem repare  
Em que é raça, e que aguarda a própria morte  
Como a um comboio expresso que aqui pare (PESSOA, 1983, p. 504-505).

Como podemos notar a distância que se instaura entre estas duas *leituras* do presente português advém não de uma inversão, como nos primeiros casos que aqui citamos, mas de um procedimento que poderíamos chamar de *esvaziamento de significação*. Nos dois casos o presente é o mesmo, mas se em *Mensagem* ele é o sinal de algo que vai ocorrer, e portanto possui um *significado outro* para além de sua materialidade, é esse *significado outro* que desaparece em "Elegia": a pequenez presente nada mais significa, além da própria pequenez.

Esta diferença advém da mudança de perspectiva presente nestas duas obras. Se o eu poético de *Mensagem* acredita no advento de uma "Eucharistia Nova" gerada pelo retorno do Desejado<sup>12</sup>, e relê toda a história portuguesa como um conjunto de sinais que apontam para esse fato, é justamente esta possibilidade que é posta em questão, como podemos perceber em vários momentos do poema, como nos dois que abaixo citamos:

Ó incerta manhã de nevoeiro  
Em que o Rei morto vivo tornará  
Ao povo ignóbil e o fará inteiro  
És qualquer coisa que Deus quer ou dá? (PESSOA, 1983, p. 505).

Dorme [Pátria], ao menos, de vez. O Desejado  
Talvez não seja mais que um sonho louco  
De quem, por muito ter, Pátria, amado,  
Acha que todo o amor por ti é pouco (PESSOA, 1983, p. 506).

No cerne desta mudança de perspectiva encontra-se uma intuição que aproximará esse poema de Pessoa da visão expressa por Pascoaes em *A nossa fome*. Como sabemos, em alguns poemas de *Mensagem*, é estabelecida, de forma clara, a distância que separa *os felizes* daqueles que, para usarmos uma expressão pascoalina, de fato *têm fome*. Já em "O das Quinas" encontramos:

Baste a quem baste o que lhe basta  
O bastante de lhe bastar!  
A vida é breve, a alma é vasta:  
Ter é tardar (PESSOA, 1983, p. 5).

No primeiro poema dedicado a D. Sebastião, em que é esse rei, após a sua morte no areal de Alcácer Quibir, que é o eu lírico do poema, a loucura de querer uma "grandeza/ Qual a Sorte a não dá" (PESSOA, 1983, p. 9) é vista como o que separa os verdadeiros homens dos que, de fato, são mortos:

Minha loucura, outros que me a tomem  
Com o que nella ia.  
Sem a loucura que é o homem  
Mais que a besta sadia,  
Cadáver addiado que procria? (PESSOA, 1983, p. 10).

Uma imagem próxima a esta novamente poderá ser encontrada nas duas primeiras estrofes de "O Quinto Império":

Triste de quem vive em casa,  
Contente com o seu lar,  
Sem que um sonho, no erguer de asa,  
Faça até mais rubra a brasa  
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!  
Vive porque a vida dura.  
Nada na alma lhe diz  
Mais que a lição da raiz -  
Ter por vida a sepultura (PESSOA, 1983, p. 18).

É impossível ler esses trechos sem lembrar daquele de *A nossa fome* em que Pascoaes afirma que os loucos e os poetas são os que têm fome de outro pão. Ter esta fome, ser mais que um *cadáver adiado* feliz com *o seu contentamento*, é a condição *sine qua non* para que, na visão desses dois poetas, qualquer mudança possa ocorrer em Portugal. O *Desejado* só poderá aparecer a um povo que o deseje. Em "Elegia na sombra", como em *A nossa fome*, é justamente esta falta de desejo, esta ausência de fome, que impede qualquer transformação, como podemos notar nos versos abaixo, retirados do poema de Pessoa, em que ecoam, de forma clara, trechos do texto pascoalino:

Pátria, quem te feriu e envenenou?  
Quem, com suave e maligno fingimento  
Teu coração suposto sossegou  
Com abundante e inútil alimento?

(...)

Dorme, que eu durmo, só de te saber

Preso da inquietação que não tem nome  
E nem revolta ou ânsia sabes ter  
Nem da esperança sentes sede ou fome (PESSOA, 1983, p. 506).

Na leitura que, nesses dois textos de desistência e desesperança, Pascoaes e Pessoa fazem de seu presente, acabam por se irmanar da mesma forma como haviam se irmanado no sonho louco de uma grandeza *qual a sorte a não dá*. Se haviam acreditado que a sua fome, de alguma forma, poderia transmutar o país em que viviam, que ela poderia se alastrar criando *o desejo* necessário para o advento do regresso do *Desejado*, nesses textos percebem que o país, satisfeito em sua mediocridade, sem fome *nem de pão, nem de Deus, nem do demônio*, é apenas um *cadáver adiado* que nenhum desejo pessoal, por mais ardente que seja, poderá acordar.

Certamente as relações que aqui traçamos entre as trajetórias de Pascoaes e Pessoa só vem a indicar a necessidade de um estudo mais sistemático que tente confrontar a obra desses dois escritores. Não importa que, após um breve período inicial, os dois tenham se ignorado. Suas obras constituem, como afirmou Lourenço, um riquíssimo *diálogo-combate* que, ainda hoje, está por ser explorado.

#### Referências:

JUNQUEIRO, Guerra. Anotações. In: \_\_\_\_\_. *Pátria*. 4. ed. Porto: Chardron, [s.d.]. p. 185-224.

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1982.

MARTINS, Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Europa-América, [s.d.].

MOISÉS, Carlos Felipe. *Estudos Portugueses e Africanos*, Campinas, n. 8, p. 89-95, jul.-dez. 1986.

NOBRE, António. *Despedidas*. Porto: Imprensa Moderna, 1945. p. 115.

NOBRE, António. *Só*. Porto: Tavares Martins, 1979. p. 148.

OLIVEIRA, Paulo F. M. *Esperança e decadência*: as imagens de Portugal na segunda série de *A Águia*. 1995. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Universidade Estadual de Campinas, 1995.

OLIVEIRA, Paulo F. M. *Pascoaes, biografias*: entre o eu e a Saudade. 1991. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura), Universidade Estadual de Campinas, 1991.

OLIVEIRA, Paulo Motta. Biografia e profecia: *São Paulo* de Teixeira de Pascoaes. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 13, n. 2, p. 285-296, ago.-dez. 1997.

PASCOAES, Teixeira de. À direcção da *Águia*. *A Águia*, Porto, s. 2, v. 11, n. 61-63, p. 162, jan.-mar. 1917.

PASCOAES, Teixeira de. A era lusíada. *A saudade e o Saudosismo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988. p. 155-173.

PASCOAES, Teixeira de. A nossa fome. *O homem universal e outros escritos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993. p. 155-161.

PASCOAES, Teixeira de. Aos lusíadas. *A Águia*, Porto, s. 2, v. 10, n. 56, p. 57-61, ago. 1916.

PASCOAES, Teixeira de. *Arte de ser português*. Lisboa: Roger Delraux, 1978.

PASCOAES, Teixeira de. Da guerra. *A Águia*, Porto, s. 2, v. 8, n. 44, p. 57-61, ago. 1915.

PASCOAES, Teixeira de. Oração sebastianista. *A Águia*, Porto, s. 3, v. 1, n. 1, p. 9, jul. 1922.

PASCOAES, Teixeira de. *Os poetas lusíadas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987.

PASCOAES, Teixeira de. Uma carta a dois filósofos. *A Águia*, Porto, s. 2, v. 8, n. 43, p. 11-19, jul. 1915.

PESSOA, Fernando. A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico. *A Águia*, Porto, s. 2, v. 2, n. 9 p. 86-94, set. 1912; n. 11, p. 153-157, nov. 1912; n. 12 p. 188-192, dez. 1912.

PESSOA, Fernando. A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada. *A Águia*, Porto, s. 2, v. 1, n. 4, p. 101-107, abr. 1912.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

PESSOA, Fernando. Vinte cartas de Fernando Pessoa. *Ocidente*, Lisboa, v. 24, n. 80, p. 301-317, dez. 1944.

SÁ-CARNEIRO, Mário. Correspondência literária. A Fernando Pessoa. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 717-975.

---

<sup>1</sup> Texto originalmente publicado em OLIVEIRA, Paulo Motta. Um oceano por achar: Pascoaes, Pessoa e a questão nacional. *Revista da Abraplip*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 329-350, 1999.

<sup>2</sup> NOBRE, 1979, p. 148.

<sup>3</sup> NOBRE, 1945, p. 115.

<sup>4</sup> Para uma análise deste movimento ver OLIVEIRA, 1995.

<sup>5</sup> Cf. PASCOAES, jul. 1915; PASCOAES, ago. 1915.

<sup>6</sup> Como bem notou Eduardo Lourenço: “Tomou-se, por uma dessas aberrações exegéticas que são o lugar comum da nossa crônica desatenção cultural, a ideia pascoalina da Saudade como reflexo de um pendor passeísta, forma insuperável de recusar através dela não apenas o presente como o futuro. Contudo, é de Pascoaes a fórmula maravilhosa do *Verbo Escuro: o futuro é a aurora do passado*. É em termos dessa ‘futuridade’ como horizonte cada vez mais revelador do percurso havido e da verdade nele contida que Pascoaes mitificou a *pátria* e não como mero acontecer-passado a regozar em êxtases de duvidosa plenitude” (LOURENÇO, 1982, p.109). Podemos notar que mesmo nesse poema que estamos analisando, um dos mais *passadistas* de Pascoaes, o passado surge não enquanto um bem a ser gozado no presente, mas enquanto uma aprendizagem, que pode orientar esse presente em direção a um futuro em que presente e passado finalmente se harmonizem.

<sup>7</sup> Como podemos notar Pascoaes, nesse poema, assume uma postura matricialmente expressa por Oliveira Martins em *A História de Portugal: a de que Portugal morre em Alcácer*. (Cf. MARTINS, [s.d.]) Mas possui, porém, diferentemente desse historiador, ainda a esperança de que forças divinas possam ressuscitá-lo.

<sup>8</sup> No final do número triplo 61-63 dessa série, é publicada a seguinte carta: “Amarante, 5 de janeiro, 917 / *Ao ilustre presidente da Comissão Executiva ou à pessoa que mais idónea for: / Venho declarar a V. que deixo, a partir desta data, de ser o director literário da Águia, órgão da Renascença Portuguesa, não prescindindo, todavia, da honra de continuar a ser sócio da referida sociedade. / De V., com a maior consideração, confrade muito agradecido. / TEIXEIRA DE PASCOAES*” (PASCOAES, 1917, p.162). Apesar de dizer, na carta, que não prescinde da honra de continuar sócio da *Renascença Portuguesa*, não mais voltará a publicar nessa série da revista, só voltando a participar da mesma no primeiro número da terceira série, em que aparecerá o poema "Oração sebastianista", dedicado a Gago Coutinho, texto que abaixo reproduzimos: "Ó meu rei de fantástica memória, / Passo a vida a rezar a tua história, / Tão verdadeira / E sobrenatural... / Eu rezo a tua infância aventureira / Tua morte num trágico areal. / Rezo a tua existência transcendente, / Numa ilha de névoa, ao sol nascente, / Encantada nos longes da Natura... / E rezo a tua vinda anunciada, / Dentre as brumas daquela madrugada / Que virá dissipar a noite escura." (PASCOAES, jul. 1922, p. 9). Como podemos notar, neste poema, como naquele que acabamos de analisar, apenas pela intervenção de uma figura sobre-humana é que a *noite* em que Portugal se encontrava poderia vir a acabar.

<sup>9</sup> Devemos aqui salientar que desde as conferências que proferiu e publicou durante o período do Saudosismo o perfil literário de Pascoaes vai se alterando de forma bastante acentuada, e de um autor que só produzia poesias ele passa cada vez mais a utilizar a prosa.

<sup>10</sup> (PASCOAES, 1993, p. 158).

---

<sup>11</sup> Cf. OLIVEIRA, 1991, p.121-141, e OLIVEIRA, 1997.

<sup>12</sup> Cf. PESSOA, 1983, p. 19.